

A Crítica Genética no âmbito das Artes Cênicas

Área Temática: Educação

Samantha Mohana¹, Wagner Rosa²

¹Aluna do curso de Artes Cênicas, contato: saahmohana@hotmail.com

²Prof. do Depto. de Música – DMU/UEM, contato: wrprof@gmail.com

Resumo. *Esse projeto tem por escopo estudar a Crítica Genética a partir dos pressupostos teóricos desenvolvidos por Phillippe Willemart e aprofundados metodologicamente por Cecília Almeida Salles, Daniel Ribeiro Cardoso, Almuth Gresillon e Wagner Rosa. Justifica-se pela abrangência e potencialidade metodológica no âmbito da pesquisa em Artes Cênicas, especialmente na análise de processos de construção artística.*

Palavras-chave: *Crítica Genética; Construção Artística, Processo Criativo, Artes Cênicas.*

1. Introdução

Surgido na França na segunda metade do século XX, o estudo de Crítica Genética se dá em decorrência de uma ação do *Centre National de La Recherche Scientifique*, como discorre Almuth Grésillon (1991, p.2), “em 1966, uma importante coleção de manuscritos de Heine foi comprada pela Biblioteca Nacional, e em 1968, o CNRS cria uma equipe de pesquisa encarregada de classificar, explorar e editar essa coleção”.

Inicialmente a Crítica Genética permeia por entre o universo literário, onde se mantém apartada de outras linguagens por quase três décadas. Com o decorrer dos anos e as vastas pesquisas ocorridas nas mais variáveis vertentes, fez-se necessário a expansão de seus horizontes, desembocando, desta forma, também em materiais artísticos.

[...] Se os estudos genéticos tinham como objetivo compreender o processo de constituição de uma obra literária e seu objeto de estudo eram os registros do escritor encontradas nos manuscritos, esse campo de pesquisa deveria quase que necessariamente romper a barreira da literatura e ampliar seus limites para além da palavra, pois processo e registros são independentes da materialidade na qual a obra se manifesta e independentes, também, das linguagens nas quais essas pegadas se apresentam (CARDOSO e SALLES, 2007, p.44).

Trazida ao Brasil por Phillippe Willemart, apenas em 1985, para agregar ao “I Colóquio de Crítica Textual: O Manuscrito Moderno e as Edições”, na Universidade de São Paulo, a Crítica Genética logo foi reconhecida por sua importância instrumental e ganhando, além de espaço, notabilidade dentre os estudos e pesquisas. Segundo Salles (1992, p.8): “Nesse mesmo Colóquio foi fundada a Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário [...] e criou a revista “*Manuscrita* (1990) totalmente dedicada à divulgação dos estudos em Crítica Genética”.

Pensando nesta nova abordagem científica artistas locais passam a arquivar com maior rigor seus documentos processuais, como nos conta Salles (1992, p.10): “isso fica patente na valorização e conseqüente preservação dos documentos de processos criadores pelos próprios criadores ou por suas famílias e, ainda em alguns casos, no acompanhamento interessado dessas novas pesquisas”.

Podemos dizer que as anotações do processo possibilitam revisitação, podendo gerar, além de flexibilidade de conteúdos e/ou ações, reflexão acerca deles. Segundo Salles (2000, p.116), o papel da Crítica Genética é, na verdade, revelar uma teoria da criação implícita em cada processo criador que os documentos, por sua vez (res)guardam.

Por não haver formatação única, e por se tratar de critério de escolha, a realização desses documentos de processo, podem variar conforme a predisposição de cada artista, entretanto, vale ressaltar que quanto mais descritivo for, melhores e maiores serão as possibilidades do/a crítico/a revelar o processo que tornou a obra possível. As fontes mais utilizadas, quando se trata das Artes Cênicas, são os cadernos de anotações, os diários, os registros vídeo e áudio gráficos, os roteiros de ação etc.

De acordo com Rosa (2016):

Esse conjunto de registros documentais geralmente não se destina à publicação, e sua escrita não tem nenhuma finalidade estética, e não constitui, essencialmente, uma metalinguagem organizada; ele é fundamentalmente instrumental e funcional, nascendo do âmagô da tensão entre os diversos suportes que podem subsidiar a criação em artes cênicas (ROSA, 2016, p.54).

O interesse pelo estudo em questão advém da necessidade da pesquisadora em exprimir de maneira científica a utilização da crítica genética como instrumento de análise e abordagem processual ao que tange o trabalho do/a professor/a e do/a artista que, por vezes, trata-se da mesma pessoa, o/a docente-artista.

2. Crítica Genética como instrumento de análise.

Analisar um processo de criação permite a/ao crítico/a genético/a observar o que funcionou (e o que não funcionou), como decorreu a prática, quais os aparatos utilizados pelo/a artista, e quais os caminhos adotados para esquivar-se de contratempos, caso estes tenham surgido, além de informações básicas, tal como o tempo demandado pela ação. Grosso modo, pode-se dizer que permear por entre a ação já executada gera maior compreensão de sua concretude. “Entrar em contato com o universo criador pode não significar ter acesso ao processo de criação em sua totalidade; mas a fragmentos, momentos cristalizados de alguns de seus índices” (ROSA, 2016, p.42).

Neste sentido, compreende-se a importância do/a pesquisador/a buscar compreender tais singularidades deixadas nos registros, de modo a gerar empatia, ao mesmo tempo em que estreita o caminho da assimilação de conteúdos.

De acordo com Rosa:

A partir da leitura analítica desses documentos, torna-se possível identificar conexões feitas pela mente criadora em sua busca estética. O olhar do geneticista deve buscar, nos registros materiais do processo criador, índices do pensamento criativo, visando ampliar o conhecimento acerca da obra em questão, sua história e sua trajetória criativa (ROSA, 2016, p.44).

Tem-se, sob este prisma, a possibilidade do/a próprio/a artista retomar seus materiais e compor uma análise crítica a partir dos dados coletados/levantados, levando em consideração - ou não - a sua atuação e suas interferências.

[...] é importante apontar para o fato de que os documentos oferecem a permanente possibilidade de se reverem conclusões. A possibilidade de se voltar ao objeto que está constantemente à prova de verificação permite que o próprio pesquisador ou outros que se dediquem àquele mesmo dossiê revejam sua interpretação (SALLES, 1992, p.57).

Durante a escolha dos manuscritos ou documentos de processos, o/a crítico/a genético/a reter-se-á aos seus objetivos científicos, como aponta Salles, escolhendo um “arsenal teórico que parece explicar aquilo que ele busca” (SALLES, 1992, p.36). Neste sentido, o que se procura em uma teoria é o que percebe naquele objeto de estudo; e instrumentalizado, por qualquer teoria que seja, é possível perceber o que está equipado (SALLES, 1992).

Ao analisar uma obra, é imprescindível que o/a crítico/a genético/a, não infira sobre ela nenhum juízo de valor pois, desta maneira, poderia estar descaracterizando a proposta de seu criador. De acordo com Salles (2000), “O ato criador sempre exerceu e exercerá um certo fascínio sobre os receptores das obras de arte e sobre os próprios criadores”, podemos dizer então, que os documentos de registros instigam não apenas à críticos genéticos, pois fazem menção quanto ao processo formador da obra já finalizada, como explicam Cardoso e Salles:

Pode-se, no entanto, afirmar, com certa segurança, que convivendo, observando e estabelecendo relações entre os documentos do processo que se teve acesso, pode-se conhecer melhor o percurso da formação da obra, em pesquisas de natureza indutiva (CARDOSO e SALLES, 2007, p.45).

No momento da análise, é necessário que o/a crítico/a genético/a se atenha a todos os detalhes, por menores que possam parecer todos eles são importantes, e carregam consigo valores que outrora fora pensados pelo/a criador/a da obra, “Tenta perceber, pelas marcas deixadas, o reflexo das hesitações do artista criador, os obstáculos por ele enfrentados e os critérios que regeram suas opções” (ROSA, 2016, p.47).

Ainda de acordo com Rosa (2016) O/A crítico/a genético/a empenha-se em dimensionar as peças, os fragmentos coletados, investigar sua natureza e os possíveis motivos que levaram o autor a utilizá-las ou refutá-las na confecção da obra como um todo. Como dito anteriormente a forma na qual se apresenta os registros de processo podem variar conforme gosto e preferência de cada artista, entretanto todas as formas em consonância buscam relevar a essência criadora da obra de arte.

Apesar de ter contato com a obra já finalizada o objetivo do/a crítico/a genético/a é investigar o que a levou tomar aquele formato e/ou seguir determinados caminhos. Para Salles (2000) “O crítico genético investiga a obra em seu ‘vir-a-ser’, daí deter-se, muitas vezes, na contemplação do provisório”.

O crítico genético narra as histórias das criações. Os vestígios deixados por artistas oferecem meios para captar fragmentos do funcionamento do pensamento criativo; oferecem uma sequência de gestos advindos da mão criadora e experienciados, de forma concreta, pelo crítico. Gestos se repetem e deixam aflorar teorias sobre o ato criador (SALLES, 2000, p.65).

Durante esse processo de análise o/a crítico/a genético/a poderá notar que a obra finalizada muitas vezes não é fidedigna ao projeto inicialmente pensado e estipulado por seu criador. Sobre esse viés Cardoso e Salles (2007) argumentam que “tomando a continuidade do processo e a incompletude que lhe é inerente, há sempre uma diferença entre aquilo que se concretiza e o projeto do artista”, que está por ser realizado (CARDOSO e SALLES, 2007, p. 47).

3. À Guisa de uma conclusão.

Esse trabalho direciona-se para a compreensão de vestígios deixados em documentos de processos de criação. Para isso foram coletados materiais relacionados a processos criativos e estamos desenvolvendo análise dos mesmos.

O trabalho continua em desenvolvimento e o que se pretende ainda para fechar essa etapa da pesquisa implica o alinhamento teórico à uma análise prática em busca de resultados que sirvam para uma perspectiva de ação docente, ou seja, de artista-docente, e criando, deste modo, uma conexão entre trabalho do/a artista com os processos docentes que envolvem criação dentro do âmbito das Artes Cênicas.

4. Referências

- CARDOSO, Daniel Ribeiro; SALLES, Cecilia Almeida. **Crítica de processo** - um estudo de caso. São Paulo: Artigos Puc/Sp. 2007.
- GRÉSILLON, Almuth. **Alguns pontos sobre a história da crítica genética**. São Paulo: Estud. av. vol.5 no.11. 1991 ou 1985
- ROSA, Wagner. **Nos rastros da linguagem da dança**: conversão de formas no espetáculo HQ. Londrina: Universidade Estadual de Londrina. 2016.
- SALLES, Cecilia A. **Crítica genética**: uma introdução. São Paulo: Educ,p 106. 1992.